

XIII Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC

Políticas públicas educacionais: o que esperar para o pós-pandemia?



SABERES POPULARES E MEMÓRIA SOCIAL: TERRITÓRIOS ALIMENTARES NA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO

Everton Luiz Simon
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Hosana Hoelz Ploia
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Cheron Zanini Moretti
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

...

Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

Os termos saber e sabor possuem a mesma palavra de origem: *sapere*, do latim, a qual significa “ter gosto”. (CARNEIRO, 2005). Etimologicamente, associado ao gosto, o saber, plural e dinâmico, como objeto de estudo da alimentação, permite a compreensão de saberes e práticas tradicionais populares, costumes e rituais, nos diferentes campos do conhecimento, como parte fundante da identidade e memória social de determinada região. Parte-se da premissa de que, na cozinha, espaço de produção, “co-laboração” (FREIRE, 2020), diálogo e transformação de alimentos em comida, transmite-se códigos, valores, significados e saberes. Nesses processos, visualizam-se práticas educativas não formais que expressam as dinâmicas de (re)produção da vida, cuja relação com a cozinha envolve práticas, saberes, redes e relações que vão desde o plantio e a colheita, às diferentes formas de produção, distribuição e consumo alimentares. Busca-se, neste trabalho, compreender os saberes populares relacionados ao trabalho realizado na produção de alimentos e na preservação da culinária regional; além disso, interpretar as preferências, as interferências, as transmissões, as simbologias e as identidades, que, por intermédio da comida, configuram territórios em um meio único: o regional.

A metodologia utilizada para análise dos saberes e práticas alimentares na região, com enfoque nas mudanças e permanências, foi a Análise Textual Discursiva, através da qual trinta e nove entrevistas semi-estruturadas de pesquisa de campo, realizadas por um dos pesquisadores, foram examinadas quanto às especificidades alimentares da região do

Vale do Rio Pardo. As mesmas possibilitaram a identificação das relações entre prática de exercício e (re)produção de saberes populares nos processos relacionados à alimentação, e o papel da Educação Popular, e o trabalho diário, para garantia da manutenção dos saberes e das culturas alimentares locais.

O termo “comer”, diferentemente de “alimentar-se”, implica em um ato social, na medida em que constitui e é constitutivo de “atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações”, conforme salientou Carlos Antunes dos Santos (2005, p. 12). Para ele, o alimento constitui uma categoria histórica, pois carrega vestígios dos padrões de permanências e mudanças dos hábitos e das práticas alimentares, referenciais importantes da cultura humana. Neste contexto, a alimentação abrange diversos processos e práticas para sua efetivação. O plantio, o cultivo, a colheita, o beneficiamento, a estocagem, o pré-preparo, preparo e consumo são algumas das ações concernentes aos alimentos, possuindo características inerentes em si quanto a saberes, métodos e simbologias relevantes para o ato de se alimentar. Roberto Da Matta (1986, p. 37), ao analisar práticas alimentares e saberes populares sobre a comida, diferenciou comida (ato cultural) de alimento (necessidade biológica), evidenciando “(...) como a comida vale tanto para indicar uma operação universal – o ato de alimentar-se – quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos nacionais e regionais de ser, fazer, estar e viver”. Assim, a alimentação possui dimensão nutricional e dietética; contudo, a comida implica em cultura. (AMON; MENASCHE, 2008). Ademais, a mesma pode ser elemento identitário do comensal, através do que este come, de que maneira come, porque e para que come.

Outro aspecto importante da pesquisa a ser ressaltado é que a relação entre alimentação, práticas de trabalho e ajuda mútua reforça a compreensão de que a comida tem uma dimensão tanto educativa como comunicativa. Assim como a fala, ela pode contar/narrar histórias. Este aspecto tem sido bastante valorizado na antropologia da alimentação, uma vez que as práticas de alimentação podem se constituir como narrativa da memória social de uma comunidade. Amon e Menasche (2008) salientam que, neste sentido, a comida constitui um veículo para manifestar e narrar significados, emoções, visões de mundo e identidades. Ainda, as autoras argumentam que a voz da comida cotidiana, em contraposição às comidas rituais, narra negociações de sentido e afirma a identidade de uma comunidade tanto quanto as suas transformações, em decorrência da convivência com outros grupos sociais. Nesse sentido, o tema da identidade também está

presente na intersecção entre Educação, Trabalho e Alimentação. Isto ocorre porque há construção da identidade através das relações estabelecidas pelas comunidades com o território, com a natureza, com/pelo o trabalho. Para Castells (1999), as identidades são fontes de significados dos próprios atores, levando à formação de comunidades. Portanto, pode-se considerar que o território surge como resultado de um processo de Educação e Trabalho realizado pelos atores locais.

Quanto à pedagogia intrínseca aos saberes, esta não é restrita aos modelos curriculares esquematizados ou ao espaço escolarizado/formal de transmissão e obtenção de conhecimento. No cotidiano, nas práticas sociais, diversos saberes populares são expressos, transmitidos e adquiridos através da linguagem, do gestual, do corporal, do olhar, tornando-se parte da formação de identidades coletivas e um produto da elaboração de homens e mulheres. (MARTINIC, 1994). O saber popular, conforme Brandão (1984, p. 25), em suas multiplicidades, é um conjunto “não centralizado em uma agência de especialistas ou em um pólo separado de poder, no interior da vida subalterna da sociedade”. Desse modo, a Educação Popular incorpora diferentes modos da práxis educadora, que, no contexto examinado, abriga os meios tradicionais de subsistência física e social dos grupos, pela hereditariedade geracional dos saberes.

Quanto a isso, as narrativas sobre os saberes e as práticas no campo da alimentação, representam costumes culturais, identitários e sociais, bem como enfatizam o espaço no qual os consumidores vivem enquanto determinante do acesso a alimentos e o exercício de saberes populares, como é manifestada pela dualidade entre campo e cidade. Assim, nota-se a intrinsidade, no âmbito alimentar, entre ambiente e atuação dos sujeitos produtores e/ou consumidores; as escolhas alimentares, nesse sentido, são percebidas como indiretas, devido à imposição, muitas vezes inconsciente, de novas decisões de consumo e produção de alimentos, com implicação de descontinuidade de maneiras e preferências recorrentes e identitárias até o momento. Nessa configuração social e espacial, maximiza-se a invisibilidade conferida aos saberes populares na produção de comidas, e de manutenção de costumes tradicionais relacionados à comensalidade.

A partir da identificação de saberes diversos - populares, da experiência, saber fazer -, foi possível estipular as particularidades alimentares difundidas na região, de maneira plural e com conexões étnicas mútuas não exclusivas, com maior representação nas falas dos entrevistados, sobretudo, das culturas de descendência alemã e italiana.

Assim, a etapa seguinte da pesquisa objetiva identificar e reconhecer os saberes populares da alimentação de comunidades indígenas e quilombolas da região, numa perspectiva decolonial, para representação integral das etnias integrantes dos territórios alimentares, que são, também e primeiramente, suas formadoras e mantenedoras.

Como resultado da pesquisa, constatou-se que a memória, além de instrumento de representação, potencializa a valorização e continuidade das atividades tradicionais alimentícias das etnias - originárias e imigrantes - do Vale do Rio Pardo, como resposta às ameaças impostas ao que é popular e identitário, do que a alimentação, muito mais do que nutricional para a saúde física, participa como agente de significações (inter)personais, pelos valores construídos nos atos dinâmicos do comer no espaço-tempo histórico-regional.

Portanto, uma conclusão parcial à vigente pesquisa é a constatação da relação entre educação, trabalho e alimentação, mediatizada em práticas cotidianas de produção de alimentos e consumo de comidas pelos sujeitos em territórios regionais. As identidades das comunidades, assim, provêm dos significados constituídos devido ou quanto à comida. Por ser um produto cultural do trabalho humano, a comida transmite e representa as especificidades sociais e culturais dos seus grupos produtores e consumidores, como também apresenta a potencialidade de ser elemento de resistência, pela memória social, pois “assim é que se processam adaptações e/ou são resgatadas as tradições, mantendo acesa a memória de um período anterior, base do momento vivido no presente”. (NOVO DA SILVA, SCHWARTZ E MENASCHE, 2013, p. 98). Desta forma, em conexão com o trabalho diário, é assegurada a manutenção das identidades regionais, através e devido à comida.

Palavras-Chave: Alimentação; Saberes populares; Território; Memória; Trabalho.

REFERÊNCIAS

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 13-21, jan/jun. 2008.

BRANDÃO, C.R. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade:** significados sociais na História da Alimentação. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O Poder da Identidade** Vol.II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75a ed. São Paulo: Paz e terra, 2020.

MARTINIC, Sérgio. Saber popular e identidade. In: **Educação Popular: utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez; Edusp, 1994.

NOVO DA SILVA, F.; SCHWARTZ, L. H.; MENASCHE, R. **O tradicional e o moderno na alimentação de famílias rurais pomeranas**. Revista de la Facultad de Agronomía (La Plata), v. 112, p. 93-102, 2013.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005.